falecido David Barton, que era um professor de matemática no Queen Mary, Universidade de Londres, onde ele disse: "Eu aprendi a fazer o meu pensamento em Summerhill". Como Neill disse: "Definir libertar as emoções e o intelecto vai cuidar de si mesmo".

Eu conheci pessoas de Summerhill que admitem que eles eram terríveis, quase assustadores com as crianças. No entanto, como adultos eles estão bem. Portanto, não é principalmente o que Summerhillians são como crianças, é como eles são quando eles são adultos que é mais impressionante. Isso é como me sinto e a educação deve ser julgada: não quantas qualificações que você tem, mas o que você é como um ser humano quando você tem 60 e se você tiver a coragem e os recursos humanos para se envolver com a vida. Como um ex-aluno colocou: "Acima de tudo, Summerhill me deu um sentido fundamental de bem-estar que durou durante toda a minha vida".

Se você tem uma infância livre e feliz, isso se torna um recurso interno seu ainda a ser desenhado quando você está com 80 anos. Um poço que nunca seca.

Quando li pela primeira vez Summerhill por A.S. Neill pensei que era a mais verdadeira, mais perspicaz, pé no chão, e representação honesta da natureza humana que eu já encontrei. Mais de 50 anos depois, eu não mudei de ideia.

Texto baseado na obra: HUSSEIN, L. **After Summerhill:** what happened to the pupils of Britain's most radical school. UK: Herbert Adler, 2011.

Escola Summerhill: tempo para a infância[1]

Summerhill School: making time for childhood

Matthew Appleton, M.A., UKCP RCST[2]

[1] Traduzido, com permissão do autor, pela Profa. Ms. Maria Theresa Rangel, IFPB, João Pessoa.

[2] Director of Conscious Embodiment Trainings, www.conscious-embodiment.co.uk, matthew.appleton@sky.com

Submetido em 06/06/2015
Aprovado em 07/07/2015

Abstract: In this paper, the author brings some memories from the time he lived in Summerhill to explain how the school is.
Keywords: freedom; Neill; childhood.

Resumo: Neste artigo, o autor recupera parte de suas memórias da época em que vivia em Summerhill para esclarecer como é a escola.
Palavras-chave: liberdade; Neill; infância.

> "Muitos alunos são autorizados a confundirem a busca da ociosidade pelo exercício da liberdade pessoal" Ofsted Report.

A Escola "façam o que gostam"

Há alguns dias atrás, deixei a minha filha de 13 anos, Eva, na Escola Summerhill para início do período letivo. Estávamos eu e ela desfazendo as malas no quarto, quando duas garotas entraram correndo para avisar que um garoto, particularmente chato, estava a caminho. Eva trancou a porta rapidamente, e continuamos desfazendo as malas. Logo depois, ouvimos uma batida na porta e a voz de um garoto chamando por ela. Eva revirou os olhos e o ignorou. Depois de algum momento batendo alto, ele gritou "Vadia" e ameaçou derrubar a porta com um machado antes de ir embora. Eva, totalmente tranquila, continuou desfazendo as malas. Mais tarde, quando estávamos saindo do quarto, um jato d'água me atingiu direto no rosto e me vi diante de três garotas que me olhavam entre risinhos e desculpas. Elas estavam esperando por Eva ou por uma das outras garotas que também estavam no quarto, e não que surgisse uma mãe. Eva achou tudo tão engraçado quanto as garotas.

O clima era mais para o de uma grande família do que para o de uma escola: uma família na qual os adultos eram tratados de forma igual. Alguns adultos acham desconfortável serem tratados como mais um na multidão, e não como uma figura de autoridade. Alguns pais podem achar desconcertante encontrar um garoto chamando sua filha de vadia e ameaçando destruir a porta do seu quarto com um machado. Mas eu me senti muito à vontade em Summerhill como, na verdade, me senti durante 9 anos, já que eu tinha morado e trabalhado na escola cuidando das crianças. Oito anos se passaram desde então, mas o fácil relacionamento entre os garotos de todas as idades e entre eles e os adultos continuava sendo um terreno familiar para mim. Não me ocorreu em nenhum momento que o garoto batendo na porta fosse tornar-se uma versão pré-adolescente de Jack Nicholson no filme "O Iluminado". Ele

estava apenas demonstrando sua frustação por Eva tê-lo deixado do lado de fora. O momento passou e mais tarde eles se tratavam como se nada tivesse acontecido.

Tecnicamente Summerhill é um internato, mas com pouca semelhança com a noção tradicional do que seja um internato. Ninguém usa fardas. As crianças praguejam livremente sem medo de serem repreendidas. Casais de adolescentes andam abraçados. Crianças pequenas, totalmente envolvidas com suas próprias brincadeiras, circulam entre pequenos grupos de adultos conversando, e ninguém os mandam passear, parar de correr ou não ficarem muito excitadas. Summerhill tem sido o foco da atenção da mídia, que geralmente a descreve como uma escola tipo "façam o que gostam", onde crianças indisciplinadas correm soltas. Mas, existe muito mais em Summerhill do que querem nos fazer acreditar alguns jornalistas sedentos de sensacionalismo, que passaram apenas algumas horas na escola.

Summerhill foi fundada em 1921 por A. S. Neill, um professor escocês, depois que se desiludiu com os métodos das escolas convencionais. Ele via esses métodos mais como um meio de dobrar a vontade da criança do que como suporte para o processo de aprendizagem. Neil foi influenciado pela psicanálise, que introduziu a então noção radical do inconsciente, e depois de ver muitas das crianças que ele tinha ensinado, serem cruelmente massacradas na Primeira Guerra Mundial. Ele procurou criar um ambiente onde as crianças pudessem ter o máximo de liberdade para serem elas mesmas. Motivado pela convicção de que crianças são essencialmente "boas" por natureza, ele achava que esta "bondade" era deformada pela tentativa dos adultos de moldar artificialmente a forma de ser da criança. Neill afirmava que a "bondade" não era uma inocência ingênua e sentimental, que tantos adultos atribuem às crianças, mas uma capacidade natural de se transformarem em indivíduos emocionalmente abertos e socialmente responsáveis. Era a liberdade, ele afirmava, que permitia

às crianças não perderem o contato e crescerem de acordo com a "bondade" inerente a elas.

Neill manteve sua defesa pela liberdade das crianças até sua morte em 1973. Cinquenta anos de experiência não mudou o seu pensamento. Summerhill continua ainda hoje, adotando os mesmos princípios de sempre ao ser administrada pela filha de Neill, Zoe Readhead. Localizada onde sempre foi durante a maior parte da vida de Neill, nos arredores da pequena cidade de Leiston, em Suffolk. Muito mais uma comunidade internacional, Summerhill recebe crianças de todo o mundo. É uma escola pequena com menos de cem alunos entre 7 e 17 anos. A maioria são crianças internas, embora algumas mais jovens fiquem apenas durante o dia, indo para casa à noite. Quando eu morava na escola, eu cuidava das crianças entre 10 e 12 anos. Neill denominava esta faixa de idade como "idade gangster", uma vez que eles chegavam como novatos depois de um tempo na escola regular, longo o bastante para criarem um sentimento de ressentimento e revolta dentro deles. Algumas vezes, Neill recebeu crianças bastante difíceis e inquietas e deixou que a liberdade fizesse o seu trabalho com eles. Ele menciona em seus livros como elas começaram a amansar à medida que resolveram os seus conflitos num ambiente de tolerância e de fácil convivência. Eu assisti ao mesmo processo durante o tempo que trabalhei lá. Crianças, cujas dificuldades tinham sido criadas pela tentativa de incorporá-las ao sistema convencional de punições e recompensas, tornarem-se relaxadas e sociáveis em pouco tempo devido à paciência da comunidade. Mas não quero dar a impressão de que estes jovens "gângsteres" sejam particularmente um grupo trabalhoso. Até mesmo as crianças mais "bem-comportadas" em suas escolas antigas, quando a pressão acabava, permitiam que aspectos próprios delas, antes mantidos em segredo, pudessem vir à tona. Diante deste comportamento, pude vê-las tornarem-se mais tolerantes e confiantes.

Criando e infringindo as Leis

É então uma surpresa que Summerhill possua tantas regras ou "leis" como são chamadas. Deve haver 200 ou mais destas tais leis. Estas leis não são criadas pelos adultos, mas são propostas e votadas em assembleias regulares da comunidade, onde todos, adultos e crianças, têm direito a voto. A voz de uma criança de 7 anos tem o mesmo peso da de um Diretor. Na maioria das escolas e lares as crianças aprendem apenas a infringirem as regras, e não a criá-las. Em Summerhill, como as crianças são totalmente envolvidas em todo o processo, conseguem compreender e avaliar o raciocínio por trás das regras. Quando uma comunidade de crianças se senta para decidir os parâmetros pelos quais elas irão viver, elas criam regras práticas baseadas na experiência e no relacionamento. Por exemplo, se uma criança menor está correndo pela sala de jantar quando uma mais velha está tentando comer, alguém pode propor que elas não deveriam estar lá ao mesmo tempo. Ou se algumas de 12 anos pressionarem as mais novas a pedirem coisas emprestadas, e as mais novas sentirem dificuldade em negar, alguém pode propor uma regra que determine quem deve estar presentes nestas situações, garotos mais velhos ou um adulto para que nenhuma pressão seja usada. Crianças não propõem ou votam leis baseadas em códigos de conduta abstratos, tais como dizer que todos têm que segurar a faca e o garfo de certa maneira, ou usar certo estilo de vestido. Elas naturalmente conseguem distinguir entre o que Neill chamou de "liberdade e permissão". Liberdade é fazer o que você quer, desde que não interfira na vontade de mais ninguém. Permissão é fazer o que você quer sem importar-se com as consequências.

A ideia comum é de que se as crianças forem deixadas às suas próprias vontades, elas jogarão toda a prudência ao vento e o caos prevalecerá. A experiência em Summerhill não confirma isto. Certa vez, quando eu estava morando na escola, nós recebemos muitos alunos novatos vindos direto da escola regular, prontos a usarem suas ideias democráticas na assembleia. Isto aconteceu numa época em que tínhamos mais do que o número usual de

crianças pequenas e um grande grupo de adolescentes, que tinham crescido como parte do processo de criação das regras e que sabiam do seu valor, tinham deixado a escola. Sendo então uma grande maioria, este grupo de novatos descartou todas as regras existentes, com exceção de um tanto referente à saúde e segurança que não são abertas à assembleia.

Claro que isto foi um caos por um tempo, sem hora para irem deitar e crianças andando de bicicleta por todos os corredores. Mas após alguns dias, a própria comunidade começou a votar o retorno das "leis", uma vez que sentiram a necessidade delas, e por volta do final do período, todas as "leis" estavam de volta. Esta experiência ensinou a estas crianças que aquelas "leis" não eram arbitrárias ou autoritárias, mas que estavam ali por uma razão. Claro que, como em qualquer outro lugar, as regras são infringidas toda hora, mas qualquer um que queira, deve dirigir-se às assembleias e pedir para alguma coisa ser feita a este respeito. Por exemplo, se alguém usar a bicicleta do outro sem autorização, esta pessoa pode abrir um processo contra o infrator na assembleia. A pessoa que pegou a bicicleta pode explicar por que ele ou ela fez isto e uma votação é feita para decidirem se eles deveriam ser penalizados. Pode ser apenas uma advertência para que isto não se repita, ou uma pequena multa em dinheiro, ou ir para o final da fila do almoço. Pela minha experiência, a comunidade normalmente tem boas intenções e é justa com as multas. As poucas pessoas que receberam penalidades mais pesadas eram sempre moralistas com uma má consciência dos seus atos. Através do uso das assembleias, as crianças aprendem limites práticos enraizados na interação pessoal. Não são ordens incompreensíveis dadas por pessoas mais velhas, como muitas crianças experimentam em suas vidas. Nem a falta de clareza que acontece quando os limites não são dados, mesmo através de pais negligentes, ou daqueles que temem o confronto. Descobrir o "não" dos outros, desde que seja justo e possa ser recíproco, nos dá o senso de nós mesmos e do outro, que precisamos para termos um relacionamento saudável.

Uma das coisas que sempre apreciei nas assembleias, era a falta de ressentimento quando as coisas não eram do jeito que as pessoas queriam. Lembro uma vez de uma causa que entrei contra um grupo de garotos adolescentes que estavam fazendo barulho à noite numa área da escola na qual eles não deveriam estar. Foi o ápice de uma série de ocasiões em que eu fui acordada no meio da noite e argumentei por uma multa substancial.

Eles foram contra, argumentando da mesma forma veemente. Mas, desta vez a assembleia ficou a meu favor e eles foram multados. Quando a assembleia terminou e eles passaram em fila por mim, cada um deles me deu um grande abraço e se desculparam por terem me acordado. Não restou nenhuma cara feia de resentimento ou tensão, nem da parte deles nem da minha.

Hora de Brincar

Outro aspecto de Summerhill que as pessoas frequentemente acham difícil de compreender, é que as aulas não são obrigatórias. As crianças só vão para as aulas quando elas decidem que estão prontas para aprender. As pessoas frequentemente dizem: "Eu nunca teria aprendido alguma coisa se eu não tivesse sido obrigado". Minha resposta seria: "Claro que não, o seu desejo de aprender foi tirado de você pelo mesmo ato de ser obrigado". Parte do meu trabalho atual envolve ensinar adultos e, mesmo que eles queiram aprender, eu vejo o quanto eles têm medo do processo de aprendizagem. A educação compulsória destruiu a capacidade deles de questionar, substituindo esta capacidade por uma ansiosa necessidade de fazer tudo certo. Seus sistemas nervosos reagiam com medo de ser visto como idiota, em vez de relaxar diante o claro, receptivo estado que é propício para compreender e processar novas informações. Esta é uma verdadeira desvantagem para muitos adultos e uma consequência direta da forma como eles foram educados.

Quando as crianças em Summerhill realmente vão para a aula, elas tendem a aprender muito rápido, uma vez que estão motivadas. Elas puderam

brincar à vontade e agora estão prontas para se engajarem num aprendizado mais estruturado. A maioria das crianças não tem tempo suficiente para brincar e ficar em seus mundos próprios, então sentem dificuldades em se concentrar na escola. Elas ficam entediadas, inquietas ou ansiosas. Neill afirmava que se as emoções são liberadas o intelecto tomará conta dele próprio. Certamente como pude ver nas crianças que eu cuidava, que agora estão na segunda metade dos seus vinte anos, elas todas parecem estar muito bem em suas respectivas carreiras. A maioria continuou com os estudos e agora possuem títulos numa variedade de matérias diferentes, algumas bem acadêmicas, outras mais artísticas. Tenho encontrado um grande número de ex "summerhillianos" através dos anos, alcançando todos os 85 anos de existência ecolar e apenas uns poucos expressaram o desejo de terem frequentado as aulas. A maior parte deles sente que foram realmente capazes de desenvolver os seus próprios interesses e deixarem Summerhill com uma boa bagagem e preparados para o mundo lá fora. Eles também citam outras qualidades que eles adquiriram em Summerhill, as quais não poderiam ser adquiridas na sala de aula, mas desenvolvidas através do senso de liberdade e comunidade.

Então, quais são estas qualidades? Uma é confiança. Eu já enxergo isto em Eva, mesmo ela estando em Summerhill por apenas dois períodos, e ter sido muito feliz na sua antiga escola. Ela se sente bem mais relaxada, o que lhe permite ser mais extrovertida. Outra qualidade é a motivação própria. O fato de não terem sido impostas as atividades sem fim de adultos ansiosos, temerosos de que seus filhos não se tornassem virtuosos violonistas, ou multilíngue, antes que as células de seus cérebros murchassem ou, Deus me livre, ficarem entediados por meia hora, tinha ampliado os seus mundos interiores e os mantidos intactos o bastante para que soubessem o que eles queriam da vida e o que eles tinham para oferecer. Durante meu trabalho como "cuidador", eu lembro que ouvia com frequência de um empregador ou faculdade o quanto eles apreciavam a capacidade deste ou daquele ex-aluno de

assumir criativamente um trabalho sem precisar que lhes dissessem toda hora o que deveriam fazer. Outra qualidade frequentemente observada era a capacidade de se relacionar com as pessoas. Aprender a conviver com as pessoas evoluia naturalmente na vida da comunidade. "Ex-summerhillianos", pela minha experiência, são geralmente tolerantes. Eles não julgam as pessoas pela aparência, como roupas, profissão ou riqueza. Eles se relacionam com as pessoas primeiramente como pessoas, e não as julgam por suas falhas ou lutas.

Enfrentando o Governo

Estas qualidades são aquelas as quais não podemos medir nem qualificar. O que as excluem como critérios de uma boa educação, como determina o sistema de ensino. A educação se tornou altamente padronizada, com metas específicas para idades específicas. Estas metas devem ser testadas e o progresso dos alunos é medido de acordo com os bons resultados nos testes. A abordagem educacional de Summerhill não é bem vista pelos fiscais do governo. A atitude do "Ofsted" (Departamento que define os Padrões de Qualidade do Ensino) em relação à Summerhill tem sido a mesma "face vermelha" de indignação de tio Vernon quando se mencionava a Escola Hogwarts nas estórias de Harry Potter. Ao longo de toda a sua carreira, Neill sempre temeu pelo futuro de Summerhill, citando apenas um fiscal que nunca entendeu o que Summerhill realmente era. Durante a década de 90, os fiscais tornaram-se mais frequentes e agressivos, até finalmente ameaçarem a escola de ser fechada se não fossem adotadas medidas para, essencialmente, acabar com a não obrigatoriedade das aulas.

Em março de 2002, isso culminou com um apelo ao Supremo Tribunal em que Summerhill cobrou uma notificação oficial de queixa do governo. Logo se tornou claro que o relatório do fiscal do governo estava cheio incorreções e preconceitos os quais não puderam ser provados no Tribunal. Também veio à tona que, apesar da garantia dos fiscais de que Summerhill não era um alvo

específico, o seu nome estava numa lista secreta de escolas que deveriam "ser observadas". O governo recuou rapidamente e David Blunkett, o então Ministro da Educação, ofereceu algumas propostas de conciliação. A Times registrou (Sexta-feira, 24 de março de 2000): "Em cenas extraordinárias no Tribunal Real de Justiça, foi permitido à escola recorrer ao "Court 40" para formar um conselho estudantil, a fim de debater as novas propostas de Blunkett". Assim como qualquer outra moção, a assembleia votou se aceitariam as propostas de David Blunkett. Essencialmente, estas propostas representaram uma verdadeira reviravolta e pela primeira vez na história de Summerhill, a filosofia de Neill sobre o ensino ficou sob a proteção da lei. Foi o fim de uma longa jornada na qual as crianças tiveram uma participação efetiva. Enfrentaram o governo britânico e venceram.

Para mim, e muitos outros, foi um grande alívio que esta pequena escola, que defende a liberdade das crianças, tenha sobrevivido. Isto é pessoal – é a escola da minha filha, ela escolheu ir para lá e eu fui capaz de apoiá-la e fiquei feliz por tê-lo feito. Também é parte da minha história pessoal: Summerhill permanece para mim como o mais forte senso de comunidade que eu já experimentei em minha vida. Mas é também a personificação viva de uma maneira de criar os filhos na qual nos obriga a refletir sobre a maneira baseada no medo em que as crianças são muitas vezes submetidas: Medo de que se não as obrigarmos elas não aprenderão. Medo de que se não as moldarmos elas se tornarão mimadas. Medo de que haja uma maldade em nosso cerne que precisa ser transformada em bondade. Se há uma coisa que Summerhill nos ensina, é que não precisamos ter medo.